

CAIXA DE ORIGEM

0023.2

Dados: 08 a 19

UNIVERSIDADE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS

RELATÓRIO DE 1994.

**ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO EM PROCESSO DE EDUCADORES E
ALFABETIZADORES DE JOVENS E ADULTOS DAS CAMADAS
POPULARES ENQUANTO ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO E CONSTRUÇÃO
DE CIDADANIA**

**PROFº RENATO HILÁRIO DOS REIS
PROF. DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNB**

1. ANTECEDENTES

Em 1961, conclui-se a construção da Barragem do Paranoá, em Brasília - DF. Os operários que a construíram, ficam sem moradia (por sinal, muito comum em Brasília: quem a construiu, não ter casa). Ocuparam então, as residências utilizadas pelos engenheiros que orientaram a construção.

Desta primeira invasão¹ ocorreram outras, em decorrência da deteriorização da vida no campo e da crescente migração à Brasília de pessoas, de várias regiões brasileiras, marcadamente, o norte/nordeste e nordeste de Minas Gerais.

Em busca do "sonho dourado", ou de melhores condições de vida, estas pessoas acabam jogadas no subemprego, quando não, no próprio desemprego, além da ausência/carência de trabalho e da inexistência de moradia.

Nesse confronto entre o desejo do migrante por melhores condições de vida e as condições objetivas que a realidade sócio-econômica de Brasília oferecia, emerge o Paranoá, como local alternativo de moradia.

O crescimento da "invasão" e o confronto com o Estado (sociedade política) sempre expulsor, contribui ou faz emergir o movimento popular organizado, a organização dos moradores (sociedade civil), reivindicando junto ao Estado, o provimento de serviços básicos essenciais à população: água, posto policial, posto de saúde, escola, iluminação etc..

A análise de algumas batalhas perdidas na luta frente ao Estado, leva o movimento popular à constatar a inadequação de certas táticas de luta, utilizando mensagens escritas (para pessoas não alfabetizadas, como se confirmou depois), enquanto o Estado já utilizava o som e a imagem (caso do rádio e da televisão).

Censo realizado em 1985, pelo próprio movimento popular, com a colaboração da Universidade de Brasília (UnB), identifica que mais de 50% da população do Paranoá, era constituída de pessoas que não sabiam ler e escrever. Residia, pois, aí uma das razões do não avanço da luta popular.

Como consequência, o movimento popular reivindica e obtém junto ao Estado no decorrer de 1986, o provimento da alfabetização de jovens e adultos do Paranoá, que por conflito de competência, entre o Mobral/Fundação Educar e Fundação Educacional do Distrito Federal, não vai para frente. Surge daí, a demanda à Faculdade de Educação (FE) da UnB, até então em sua linha de orientação, voltada predominantemente à alfabetização de crianças.

O desafio à FE/UnB, aceito pela Professora Marialice Pitaguary, apresentou, por um lado, a ruptura com a hegemonia da criança e a abertura do ensino e da pesquisa na FE, à educação de jovens e adultos. Por outro lado, significou teórico-metodologicamente uma contribuição notável da Professora Marialice, ao relacionar as contribuições de Paulo Freire com os estudos de Emília

¹ Invasão: termo que genericamente designa as favelas em Brasília - DF.

Ferreiro, desenvolvidos no Brasil, sob a vertente do GEEMPA: Grupo de Estudos sobre Educação- Metodologia de Pesquisa e Ação - Porto Alegre-RS.

O objetivo do trabalho desde o início é de o alfabetizar jovens e adultos, dentro de uma perspectiva de formação de quadros, que fortaleça a luta coletiva dos moradores da Vila Paranoá.

Por questões de saúde e familiares, a Professora Marialice Pitaguary deixa o Projeto, quando este autor (RHR) assume a coordenação do referido Projeto (1990).

2. A DELIMITAÇÃO DO OBJETO

Ao assumir o trabalho, o autor faz um levantamento da situação do projeto, junto aos dirigentes do movimento popular, indagando, questionando e buscando encaminhamentos, face aos pressupostos norteadores da Proposta.

Uma das questões levantadas, à época, era que ao se desenvolver uma experiência de alfabetização de jovens e adultos, tendo por inerente preocupação a inserção desses, na luta coletiva dos moradores, tinha-se que perguntar se isto esteve ocorrendo ou não.

Fez-se então necessário, um questionamento básico fundamental: onde estão e o que fazem hoje os egressos, os alfabetizados do projeto de alfabetização de jovens e adultos da Vila Paranoá? Continuam a ler e escrever? A exercitar a leitura, a escrita, o cálculo? Estão inseridos na luta coletiva dos moradores? Uma coisa e outra? Nenhuma das duas?

Entende-se que uma das maneiras de avaliar e aprimorar os resultados de um trabalho, é verificar o seu produto. Este produto imediato é o alfabetizado, o egresso da alfabetização e sua situação de vida.

A dificuldade que se teve em obter uma resposta imediata às perguntas formuladas, bem como a constatação de que, na maioria dos casos, não se tinha nenhum registro do destino do alfabetizado e a identificação de que a maioria dos alfabetizados, se consciente estava, não se apresentava à luta coletiva dos moradores, fez com que se empreendesse uma série de discussões/reflexões em cima da prática alfabetizadora desenvolvida, o que permite em 1991, a introdução de alguns redimensionamentos à dinâmica teórico-metodológica-operacional do Projeto como esforço-tentativa de se viabilizar os objetivos comuns ao movimento popular e à Universidade de Brasília.

3. BASE TEÓRICO-METODOLÓGICA DO PROJETO

Mantida a orientação inicial de Paulo Freire (1974-A, 1974- B, 1980), conjugada com as contribuições de Emília Ferreiro (1986, 1987) e Ester Pilar Grossi (1990), agregou-se à Proposta alguns pressupostos teórico-metodológicos correlatos com a Educação, desenvolvidos por Gramsci

(1978, 1980, 1981) e autores gramscianos e que foram objeto de estudo e análise em dissertação de mestrado, apresentada pelo autor à Universidade de Brasília.²

Estes pressupostos basicamente, estão relacionados aos conceitos gramscianos da Teoria Ampliada do Estado; Sociedade Civil e Sociedade Política; Hegemonia e Contra-Hegemonia; Ideologia e Contra-Ideologia e o Papel dos Intelectuais.

Considerou-se como referencial, uma concepção de Educação que a situa como contribuidora à transformação da sociedade, ótica na qual se insere, pois, a própria alfabetização.

Além disso, introduziu-se uma concepção de poder, inspirada em FOUCAULT (1984), que não o vincula à visão clássica do poder situado na ordem econômica (de inspiração marxista) ou na ordem jurídica de organização do Estado (de inspiração positivista). Sem perder de vista as relações de poder inerentes às relações infra-estruturais, busca-se situar o poder como produção de saber e o saber como condição de poder, nas micro-relações do cotidiano, do trabalho, da escola e das instituições. Conforme afirma Roberto Machado: "todo conhecimento, seja ele científico ou ideológico, só pode existir a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios de saber. A investigação do saber, não deve remeter a um sujeito de conhecimento que seria sua origem, mas a relação de poder que lhe constitui. Não há saber neutro. Todo saber é político. E isso não porque cai nas malhas do Estado é apropriado por ele, que dele se serve como instrumento de dominação, descaracterizando seu núcleo essencial. Mas, porque todo saber tem uma gênese em relação de poder. O fundamental da análise é que saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder, sem constituição de um campo de saber, como também reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber."³

À interrelação dos conceitos de poder/saber, se associa o de cidadania, entendida aqui como "qualidade política" conquistada através da prática consciente e fundamento-base da construção de uma democracia-participativa⁴. A participação entendida, segundo visão de Demo: "Participação é conquista para significar que é um processo, no sentido legítimo do termo, infindável, em constante vir a ser, sempre se fazendo."⁵

A participação é decisiva, pois não se faz democracia sem participação. Participação na construção do saber e no exercício do poder, no direito de falar e ser ouvido.

² REIS, Renato Hilário. "A Extensão Universitária na Relação Universidade-População: a Contribuição do Campus Avançado do Médio Araguaia - Programa Integração de Saúde Comunitária - UnB/FE - Março/1989 - Págs. 26-48.

³ MACHADO, Roberto. "Por uma genealogia do poder". in FOUCAULT, Michel. "Microfísica do Poder" - Graal - Rio de Janeiro - Pág. XXI.

⁴ COELHO, Lígia Martha C. da Costa. "Quando os números não refletem apenas quantidades". in revista Tempo Brasileiro, nº 100 - n 5/8 - Janeiro/Março - 1990 - Pág. 6.

⁵ DEMO, Pedro. "Participação é Conquista". São Paulo, Cortez, 1988, Pág. 18.

Segundo Borgomoletz: "a democracia não consiste no direito de falar e sim no direito de ser ouvido."⁶ É preciso ouvir o homem, em vez de falar para ele, teria dito Freud⁷ citando Helio Peregrino. Ele ainda diz:

"É preciso realizar o pacto social, aquele realizado entre adultos, em que estes reconhecem uns nos outros uma equivalência em termos de produção (responsabilidade) e consumo (desejo), respeitando-se mutuamente enquanto parceiros, numa empreitada maior que a de cada um. Diferente do pacto edifico, que é o pacto firmado entre a criança e o adulto, em que a criança pede e consome, e o adulto produz e fornece."⁸

Demo (1988) ao defender que Participação é conquista fornece a base teórica da construção processual da cidadania, como relação inerente à dialética e reciprocidade saber/poder.

Daí, a conjugação dialética, entrelaçada e interrelacionada entre Saber/Poder/Cidadania.

Em suma, trabalha-se a dimensão Política, como questão central, o poder instituído e instituinte nas e sobre as pessoas, organizações e sociedade em geral. A competência reivindicativa do alfabetizando (competência reivindicante) aliada à sua competência no e sobre o poder (competência de influência decisória), culminando com o exercício direto do e no Poder (competência decisória).

Na dimensão filosófica, considera-se uma conceituação de homem, natureza, história e sociedade, como um em-sendo; um devir permanente. Homem este, situado no contexto de uma sociedade capitalista, estruturada em classes e marcada pela desigualdade social em que muitos produzem, mas, poucos usufruem da riqueza produzida.

Nesta situação, o homem, como possível sujeito transformante, pode contribuir na mudança do seu cotidiano (de si mesmo, da natureza, da história, da sociedade), à medida que contraditoriamente é transformado e transforma o e no contexto em que está inserido.

A dimensão metodológica, é entendida como o que torna possível a aquisição/apropriação/produção do conhecimento/saber. Aqui compreendido como acesso e produção de leitura, escrita, cálculo inerente, imbricada e simultânea ao aprendizado e desenvolvimento da cidadania. Os diversos atores (alfabetizando, alfabetizadores, alunos da UnB, dirigentes do movimento popular, professores e técnicos da UnB) são produtores de saber/conhecimento, como resultante do confronto dos saberes que cada um detém.

Este confronto de saberes se dá a partir da identificação, análise, e esforço de contribuição à superação de problemas movidos no real concreto cotidiano dos alfabetizandos/alfabetizadores, pautados no interesse coletivo dos moradores do Paranoá. Estes interesses não são monolíticos e consensuais. Estão impregnados das contradições próprias de uma camada popular (da mistura

⁶ BOGOMOLETZ, David. "Crise da Cidadania: paroxismo da individualidade". In revista Tempo Brasileiro, nº 100, Jan/Mar/1990 - Pág. 41.

⁷ Idem, op. cit. p.38.

⁸ BOGOMOLETZ, David. "Crise da Cidadania: paroxismo da individualidade". In revista Tempo Brasileiro, nº 100, Jan/Mar/1990 - Pág. 41.

ideológica da própria luta ideológica , dominação/libertação/transformação, da posição e contraposição da própria luta ideológica).

O privilegiamento da pesquisa-ação segundo a concebe Thiollent⁹ apesar das dificuldades que acarreta vem atender à natureza da proposta e dos seus diversos atores.

Ela se dá a medida que se levantam hipóteses de questionamento e discussão coletiva entre os diversos atores, quanto às exigências e encaminhamentos da alfabetização e da formação de alfabetizadores/educadores de jovens e adultos de Camadas Populares, no contexto de uma ação político-pedagógica, de caráter transformadora.

4. O QUE FAZER NO COTIDIANO DO PROJETO: SUA DINÂMICA E DESAFIOS

Devido às reflexões feitas a partir da avaliação/planejamento realizada no final de 1993, a dinâmica da semana do projeto configurou-se da seguinte forma: ocorre de segunda a sexta-feira no horário de 20:00 a 21:00 horas em prédios emprestados da rede pública (Escola Classes das quadras 17 e 26 do Paranoá).

O processo se inicia na sexta-feira de uma semana e se estende até a quinta-feira da semana seguinte.

Na sexta-feira se realiza, quinzenalmente, o encontro de convivência e aprendizagem mútua - FÓRUM, onde participam alunos, professores e técnicos da UnB, representantes do Movimento Popular, alfabetizadores e alfabetizandos (representantes de turma). Nele, os diversos atores identificam o real concreto vivido pela população da Vila Paranoá, escolhem e selecionam as situações-problemas-desafios mais relevantes, que, em torno dos quais, se encaminha o processo político-pedagógico com os atores (alfabetizando, alfabetizadores e alunos da UnB).

Ainda na sexta-feira, de forma intercalada, realiza-se quinzenalmente o planejamento coletivo, dividido por nível, levando em consideração a avaliação e os encaminhamentos feito pelos atores.

De segunda a quarta-feira temos aulas de desdobramentos com discussões/produções, com os alfabetizandos, de textos orais e escritos gerados em torno da situação-problema-desafio; avaliação ao final do aprendizado ocorrido e observação/participação de alunos e professores da UnB.

Na quinta feira, no horário de 20:00 - 21:00 horas, realiza-se aula de desdobramento. No horário de 21:00 - 22:00 horas, têm-se:

a) Reunião dos alfabetizandos entre si para avaliarem a semana e prepararem a sua participação no FÓRUM da sexta-feira (representante da turma): o quê reivindicar, o quê sugerir, o quê decidir;

⁹ THIOLENT, Michel. "Metodologia da Pesquisa-Ação". São Paulo, Cortez Editora, Pág. 16.

b) Reunião entre alfabetizadores, dirigentes do movimento popular, professores e alunos da UnB, para rever e encaminhar a prática alfabetizadora da semana, tendo como base suas respectivas observações-participações desenvolvidas e registradas de segunda a quinta-feira.

Intercalando-se quinzenalmente com essas atividades, ocorre a quinta-feira Cultural, onde os atores trocam experiências, cantam e mostram as habilidades individuais.

Sinteticamente a dinâmica de implementação do Projeto, segue o seguinte quadro:

1º	Encontro de convivência e aprendizagem mútua - FÓRUM	6ª feira (20 a 22 horas)
2º	Aulas de desdobramentos	2ª, 3ª e 4ª feira (20 a 22 horas) 5ª feira (20 a 21 horas)
3º	a) reuniões de alfabetizandos b) reuniões de alfabetizadores, dirigentes do mov. popular, UnB. c) quinzenalmente: atividades culturais	5ª feira (21 a 22 horas) 5ª feira (21 a 22 horas) 5ª feira (20 a 22 horas)

De forma mais detalhada, temos o que se segue:

	INSTÂNCIAS	DIA	ATORES PARTICIPANTES	OBJETO/FOCO
1	FÓRUM	6ª feira 20 a 22 horas	a) Representantes de cada turma de alfabetizandos b) Alfabetizadores c) Dirigentes do M. Popular d) Alunos e professores UnB	Influência ou Exercício de poder quando do encaminhamento, revisão e re-encaminhamento político-pedagógico do processo.
2	Aulas de desdobramentos	2ª, 3ª e 4ª feiras 20 a 22 horas 5ª feiras 21 a 22 horas	a) Alfabetizandos b) Alfabetizadores c) Alunos e professores UnB (como observação-participação)	Desdobramento pedagógico do tema/temática decidido no e pelos atores no Fórum.
3	a) Reunião de alfabetizandos b) Reunião alfabetizadores, dirigentes do mov. popular, UnB	5ª feira 21 a 22 horas 5ª feira 21 a 22 horas	Cada turma de alfabetizando com seu representante. Alfabetizador, dir. mov. popular, UnB.	Avaliar a prática da semana e encaminhar/organizar a participação no Fórum. Analisar/encaminhar as observações-participações registradas e desenvolvidas na semana.
4	Reunião com alfabetizados	Periódicas	Alfabetizados e Movimento Popular. (CEDEP)	Rever a prática de sua atuação na rede pública e na luta coletiva dos moradores.

5. RESULTADOS, AVANÇOS E CONSIDERAÇÕES

No primeiro semestre de 1994 foi realizado o curso de formação de alfabetizadores com pessoas indicadas pelo movimento popular, e/ou, pelas alfabetizadoras. Tal curso constituía-se em um pré-requisito para a inserção no processo de alfabetização como alfabetizadora/observadora, até que os vários atores decidissem o momento desta, assumir uma turma.

O curso foi concluído com um total de 20 alfabetizadoras, das quais 12 iniciaram o período letivo como alfabetizadoras/observadoras.

A partir da necessidade de atender às solicitações dos alfabetizandos face à distância de sua moradia até à escola, à crescente onda de violência - onde alunos já foram assaltados - e também à necessidade do movimento popular organizado avançar nas suas perspectivas estratégicas de luta, decidiu-se ampliar o processo de alfabetização, de uma escola para duas escolas (Escola Classe das quadras 17 e 26).

As atividades em ambas as escolas, iniciaram com 10 turmas formadas, totalizando 20 turmas e 300 alfabetizandos. Não concordamos inicialmente com essa ampla expansão, por não termos condições de acompanhar as 20 turmas, uma vez que perfazíamos apenas o número de 16 alunos bolsistas, comprometendo dessa forma a qualidade do processo de alfabetização, pois algumas turmas seriam assumidas por alfabetizadoras em fase de formação.

A decisão de ampliar cumpriu, a princípio, o primeiro objetivo, causando, porém, outros desafios para o Grupo de Educação do CEDEP/Paranoá e UnB. Tivemos a dificuldade física em reunir os atores do processo de alfabetização das duas escolas no FÓRUM; enfrentamos também a desistência de algumas alfabetizadoras, dificultando mais a manutenção das turmas. Isso fez com que nós alterássemos a concepção inicial de atuação dos alunos bolsistas da UnB que faziam observação/participação ativa, mas agora assumiriam a coordenação efetiva da turma (02 bolsistas).

Apesar dessa atitude ter surgido a partir de uma deficiência causada, também, pela ampliação do Projeto, nos trouxe novos elementos fundamentais para reflexão acerca do nosso objeto de estudo. A postura dos bolsistas enquanto observação/participação configurava-se de maneira mais passiva do que ativa, nem sempre determinada pela vontade, mas imposta pela dinâmica do processo.

Observamos, resgatando a concepção inicial do Projeto - a formação de educadores/alfabetizadores em processo, colocando-os enquanto multiplicadores - que tínhamos que assumir uma postura mais ativa, interferindo/confrontando no planejamento e desdobramento em sala de aula. Essa atitude tem um papel oxigenante, que incentiva a reflexão-ação-reflexão junto às alfabetizadoras, além de motivar e ampliar a relação aluno da UnB-alfabetizador e aluno da UnB-alfabetizando.

Observamos ainda que todos os atores (alunos, professores, alfabetizadores, alfabetizandos, movimento popular e técnicos administrativos) quando iniciam-se no processo, enfrentam

dificuldades em compreender a proposta diferente de alfabetização, onde os alfabetizandos participam do processo de constituição do conhecimento enquanto sujeitos ativos, em contraposição à escola tradicional em que são meros objetos e consumidores de conhecimento. Essa dificuldade é trabalhada ao longo do processo nas reuniões de revisão e reflexão semanais acerca da prática cotidiana de cada ator. Em 1994, realizamos cerca de 40 reuniões de revisão/reflexão para a melhor apreensão do processo.

Além disso preparamos e realizamos cursos e seminários com o objetivo de suprir a dificuldade de entendimento teórico-político-metodológico do Projeto, no sentido de aproximar teoria e prática alfabetizadora, incentivando e capacitando os atores enquanto transformadores de si e de sua realidade concreta. Os cursos realizados tiveram como temática: Metodologia da Linguagem Matemática; Didática de Ensino; Histórico do Movimento Popular e Como Funciona a Sociedade?, buscando, com isso, um instrumental teórico que possibilite ampliar e melhorar a análise da realidade que estamos inseridos.

No ano de 1994 o Grupo de Educação da UnB/FE avançou no que se refere à sistematização do conhecimento produzido mediante a realização do projeto-pesquisa. Como consequência participamos da 17ª ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação), em Caxambú, de 23 a 27 de Novembro, publicando, inclusive, dois artigos nos anais dessa reunião anual.

Essa participação cria um marco no que se refere a realização de pesquisa por graduandos, fazendo-nos crer e reafirmar a importância da interação do ensino-pesquisa e extensão, e da busca da condição de pesquisadores na graduação, e não apenas na pós-graduação, implicando numa interação entre esses dois grupos.

Como Projeto em curso, pode-se e deve-se considerar:

5.1. O exercício do falar e ser ouvido dos vários atores em si e entre si, é extremamente auto-transformador e grupo-transformador, principalmente dos alfabetizandos. Este exercício desenvolvido em vários momentos do processo, desvela, e revela o saber do alfabetizando, que se expõe ao “sol” da convivência e se descobre como pessoa-cidadã: eu sou, eu sei, eu posso.

Esta descoberta de seu saber, auto-revela ao alfabetizando, o seu poder-ser, o seu poder-construir conhecimento e transformar situações.

5.2. O exercício de avaliação do aprendizado na relação alfabetizandos/alfabetizadores torna-se um exercício de confronto entre a autoridade ou autoritarismo do alfabetizador e a descoberta-exercitação do alfabetizando em identificar situações, romper o silêncio, afrontar a autoridade e influenciar no re-encaminhamento do ato de ensinar do alfabetizador e do seu próprio ato de aprender.

5.3. O FÓRUM é o exercício próprio da fala e da escrita entre pessoas diversas e com autoridade diferente (Universidade e população). Nele o alfabetizando de marginalizado/excluído da sociedade, vive a experiência individual e coletiva, de sujeito que fala, pensa, dá sua opinião.

concorda, discorda, reivindica, influencia e toma decisão. Ele salta da periferia para o centro exclusivo das atenções, mas, é o centro de atenção e participação.

É o exercício da produção individual e coletiva, intredisciplinar, de classe e entre classes do próprio saber e do exercício que um poder que passa pela observação, reindicação, influência de decisão e tomada de decisão. Afinal, a tomada de decisão do referencial epistemológico é centrado no alfabetizando e seu contexto de vida.

O FÓRUM permite que os vários e diferentes atores (alfabetizandos, alfabetizadores, dirigentes do movimento popular, alunos e professores da UnB), exerçam o direito de serem ouvidos, considerados no que falam, e tomados como balisamento da discussão e encaminhamento da ação-reflexão-ação. O tom democrático-participativo se faz presente como oportunidade desafiadora e estimuladora de cada participante(ator). Os vários saberes são confrontados (o acadêmico, o popular) que perdem os adjetivos, são apenas saberes, socializados no caminhar superativo da situação-problema-desafio.

5.4. O sentido físico(circular) das cadeiras/carteiras, nas várias salas de aula¹⁰, inclusive a ampliada, que é o FÓRUM, mostra que não há “cabeça” ou “cabeças” a dirigir e a conduzir as pessoas. Que a relação não é a dos que sabem e dos que não sabem, entre a autoridade, o professor que tem a solução para tudo e o cidadão, eventualmente submisso, por circunstâncias de vida.

O nivelamento físico entre os vários atores, a isonomia da posição física, e a possibilidade de ver o outro de frente, “olho no olho”, sem dúvida, contribui para o saltar-se interior, o aprendizado da conversa, da atitude dialógica entre todos.

A perda do medo do ser, falar, escrever, dizer, rir, chorar, sentir desejo, prazer, alegria cresce nos atores, mormente do alfabetizando. Neste contexto, o cidadão vai ser parturido, gerado como movimento do próprio corpo do ator: o olhar expressivo; o aprumo do corpo na carteira; a posição relaxada, em se expressar; a redução da ansiedade; da inibição; o rompimento do silêncio do que sabe e não diz; tem vontade de falar e não fala, porque tem medo do que os “outros” vão dizer; a diminuição do constrangimento do que não sabe e que não tem coragem de dizer que não sabe, porque tem medo de perguntar, como se a pergunta não fosse direito do cidadão que busca a informação e o conhecimento.

5.5. Para o professor e aluno da Universidade, a experiência os coloca com o “pé na realidade”: a relação teoria e prática. Os cursos, tradicionalmente, são ministrados com predominância da parte teórica sobre a parte prática. Esta é objeto de tratamento eventual-episódico-tangencial no curso, pois, se entende que tendo uma base teórica, o aluno “um dia” vai poder aplicar na prática, ou seja, o aluno vai descobrir a prática, quando estiver no exercício profissional, aplicando pretensamente as teorias aprendidas na Universidade. Tem-se, pois, uma dicotomia teoria-prática, na orientação da quase totalidade dos cursos na Universidade. Aqui, o real concreto ocorrente, é o eixo

¹⁰ Sala de aula, aqui entendida em sentido ampliado: o local onde pessoas aprendem e desenvolvem conhecimento uns com os outros.

da ação-reflexão-ação do alfabetizando, do aluno e do professor da Universidade, relacionando-se teoria-prática e prática-teoria.

Com isso, produzem-se evidências questionadoras e oxigenadoras dos cursos, departamentos, disciplinas, a ação do professor como cidadão que ensina, pesquisa e se relaciona com a sociedade.

5.6. A viabilização da articulação ensino-pesquisa-aprendizagem. Certas disciplinas, ou o conjunto de disciplinas, em seu conteúdo programático, pressupõem a relação teoria-prática e a própria participação no Projeto, como exigência do processo formativo do aluno.

Ao mesmo tempo, estas disciplinas se interligam com os projetos de pesquisa, que concomitantemente, têm o Paranoá como local de pesquisa-atuação.

Esta simultaneidade de construção processual da dimensão formativa do aluno (disciplinas e conjunto de disciplinas) da exercitação do aluno em produzir conhecimento, numa relação simultânea com a sociedade, contribui com a viabilização da articulação ensino-pesquisa-extensão, uma exigência constitucional (Artigo 207), ainda raramente concretizada nas Universidades.

5.7. A interdisciplinaridade e a interdepartamentalidade se afirmam como construção possível, em processo.

A relação de disciplinas e entre disciplinas é uma realidade já assimilada. E esta possibilidade se constrói a partir do momento em que uma situação-problema-desafio escolhida, coloca questão, que desafiam político-epistemológico-operacionalmente as várias áreas do conhecimento, à busca de sua solução.

Esta coletiva busca da superação do problema, em confronto direto com a tradicional unidisciplinaridade da Universidade é que constrói a interdisciplinaridade.

Neste contexto, as áreas de conhecimento (pedagogia, lingüística, psicologia, engenharia florestal, história, etc.), organizadas em departamentos acabam se interrelacionando interdepartamentalmente ou por necessidade de se discutir o problema ou por decorrência do planejamento, atuação e avaliação conjuntas, exigidas pela própria dinâmica do processo, o que representa, uma conquista, extremamente expressiva.

5.8. A relação sujeito-objeto na pesquisa-ação: uma questão controversa.

O trabalho se desenvolve num movimento permanente de ação-reflexão-ação. Às vezes, a demanda da ação tende a absorver a reflexão, a elaboração/sistematização do conhecimento, o que coloca em risco, qualquer esforço de pesquisa. A tentação de cair no ativismo (ação, sem reflexão) é muito forte, porque os problemas são imediatos e demandam tempo e iniciativas à sua solução premente, o que valida, de forma alguma, a perda do sentido da elaboração do conhecimento, tendo como risco-referência, a prática ocorrida/ocorrente.

Além disto, ser sujeito e objeto em um mesmo processo, mantendo um mínimo de equidistância, é outro desafio. A reflexão em si é sedutora e a própria elaboração teórica pode levar

a “delírios da realidade”, se perde a base da prática ocorrente. Não se trabalha apenas com a reflexão de encaminhamento mediato. Por necessidade da natureza do processo, exige-se reflexões imediatas, face ao sentimento da intervenção do pesquisador, como contribuidor da solução dos problemas. Ele não só registra e analisa o que outros pensam e fazem. Ele também está fazendo e pensando. Daí, a dificuldade.

Tem-se utilizado o registro em dupla dos vários eventos, objeto posterior de discussão em reuniões específicas como forma de enfrentar a questão. Com auto-crítica e crítica-permanente, se tenta evitar cair na hegemonia do sujeito (com a reificação do objeto) ou na predominância do objeto (reificação do sujeito), mantendo-se o esforço de uma construção dialética processual entre o sujeito-objeto do conhecimento. Deve-se dizer que aqui as perguntas são maiores que as respostas.

5.9. O estabelecimento de um canal de oxigenação e influência mútua entre Universidade população e vice-versa.

Aqui, se viabiliza um aprendizado mútuo, o diálogo entre professores, alunos e população, no caso, representada por alfabetizados, alfabetizando, alfabetizadores, dirigentes da comunidade, em que o confronto de saberes e posições se faz presente, com embates, brigas, reconciliações dialeticamente saudáveis.

Uma coisa é falar do saber produzido/sistematizado pela Universidade e suas limitações na captação e mudança/transformação de vida ocorrente. Outra coisa, é viver o questionamento a este saber, interposto pela realidade em processo e pelo saber que a própria população detém.

Uma coisa é meritizar o saber popular, às vezes até deificá-lo. Outra coisa, é constatar suas limitações, aceitá-las, superá-las no confronto com o saber sistematizado da Universidade.

Dá-se aqui o confronto da autoridade de conhecimento (quem sabe mais e melhor) com as tendências de cair no vanguardismo (a Universidade tendo a hegemonia da direção do processo) ou do basismo (a população tendo a hegemonia da orientação do trabalho).

O Projeto tem mostrado que o real conceito ocorrente, com suas situações-desafios, tem sido o mediador mais eficaz. Ou seja, a situação-problema a ser enfrentada, relativiza os saberes, sejam quais forem, à luz da solução a ser construída, que no fundo, é um novo conhecimento. Daí, a complementaridade e a oxigenação entre a Universidade e população.

5.10. O rompimento com o modelo tradicional e a sinalização de um novo modelo de escola.

Na escola tradicional, o aluno tende a ser relegado a último plano, no estabelecimento da direção do seu próprio aprendizado. Aqui, é o centro. Não só ele, sua circunstância também. O aluno e sua realidade constituem o eixo de referência da escola. Diferente, quando a escola é um referencial-abstrato que quer se impor ao aluno.

Além disso, a ação da escola se preocupa no sentido de trabalhar a relação do aluno com o conhecimento, não apenas para adquiri-lo, mas, como instrumento de ação transformadora e de si mesmo no contexto, em que se insere.

Ou seja, na experiência do Paranoá, os vários atores de objeto passam a sujeitos-históricos, à medida que a dinâmica do permite que alfabetizados, alfabetizandos, alfabetizadores, dirigentes do movimento popular, alunos e professores da UnB concebam, planejam, executem, avaliem e replanejam, construam sua própria escola, sua própria educação. Ela não é construída de alguns para todos. Mas, de todos para todos, face à sua concepção eminentemente democrata-participativa-cidadã.

De forma mais detalhada, segue as metas previstas e alcançadas:

QUADRO DE METAS	
PREVISTAS	ALCANÇADAS
Formação de 20 alfabetizadores engajados no processo.	Iniciaram o período letivo 12 alfabetizadores.
Elaboração de textos como forma de sistematização do conhecimento.	Dois textos foram produzidos e apresentados na 17a. ANPED, como forma de trabalho e comunicação.
Expansão do Projeto	Aumentou o número de turmas para 20 e a divisão em 02 escolas.
Participação em encontros sobre a alfabetização	Houve a participação no GTPA e no III Encontro Pró-Alfabetização do D.F. e Entorno
Ministrar cursos de capacitação dos alfabetizadores	Foram ministrados 02 cursos de Economia Política e palestras com professores convidados.

6. BIBLIOGRAFIA

- BARBIER, René. *Pesquisa-Ação na Instituição Educativa*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora - 1995.
- BARTHY, Aldayr Brasil. *Poder e Hegemonia: um estudo*. Brasília, UnB. Série Serviço Social nº 03 - 1981 - mimeo.
- BRASIL. *Constituição do Brasil*. Brasília, Senado Federal - 1988.
- BUFFA, Ester. ARROYO, Miguel. NOSELLA, Paulo. *Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?*. Cortez Editora/Autores Associados - 1987.
- DEMO, Pedro. *Participação e conquista*. Fortaleza - Cortez Editora - 1989.
- FERREIRO, Emília e TEBEROVSKI, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre. Artes Médicas - 1986.
- FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo. Cortez Editora - 1987.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro - Graal - 1984.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra - 1974.A.
_____. *Pedagogia do Oprimido*. Buenos Aires. Siglo Vicentino - 1974.B.
_____. *Cartas à Guiné Bissau. Registros de uma Experiência*. Rio de Janeiro. Paz e Terra - 1980.
- FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo. EDART - 1978.
- GADOTTI, Moacir. *Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório*. São Paulo. Cortez/Autores Associados - 1980.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira - 1980.
_____. *Maquiavel. A Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira - 1980.
_____. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira - 1980.
- GROSSI, Ester Pillar. *Didática do nível pré-silábico e alfabético*. 03 vols. Rio de Janeiro. Paz e Terra - 1990.
- PAMPLONA, Marcos Antônio Villela. *A Questão Escolar e a Hegemonia como Relação Pedagógica*. Cadernos CEDES nº 03 - Educação e Política. Gramsci e o Problema da Hegemonia. São Paulo. Cortez Editora.
- REIS, Renato Hilário. *A Extensão Universitária na Relação Universidade-População: a contribuição do Campus Avançado do Médio Araguaia*. Programa Integrado de Saúde Comunitária. Brasília. Faculdade de Educação - 1988.
_____. *Cultura, Poder, Saber: a Alfabetização de Jovens e Adultos*. Caxambú - 1994. Anais da ANPED.

_____. **O Caminho da Alfabetização de Jovens e Adultos no Paranoá.** Brasília, UnB/FE/MTC. CEDEP - 1990.

_____. LIMA, Airan Almeida e RODRIGUES, Vinícius Ferreira. **Educação Popular: Crise e Perspectiva de Transformação Social.** Caxambú.-1994. Anais da ANPED.

Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro - Editora Tempo Brasileiro nº 100 - Jan/Mar 1990.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo. Cortez Editora - 1986.